http://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v39a2025-77142

A cena Jacotot e o recado da igualdade

Taís Araújo[*]

Resumo: Este artigo analisa O Mestre Ignorante a partir da escrita como cena em Jacques Rancière. Deslocam-se, assim, as orientações pedagógicas do ensino universal de Joseph Jacotot em prol de uma reflexão sobre a narrativa como um recado da igualdade. Desse ponto de vista, considera-se que, ao se precipitar na leitura e indagar se os professores devem continuar a explicar ou se a escola é uma instituição embrutecedora, limita-se a reflexão sobre as concepções em jogo. A proposta do artigo é compreender a história de Jacotot e a afirmação sobre a igualdade das inteligências como a apresentação de uma cena e seus desdobramentos, trazendo à tona a concepção de acontecimento como um conjunto de conexões definidoras de uma singularidade. A análise mostra que, por meio da escrita, Rancière performa sua convicção sobre efetivar a igualdade em ato, em vez de teorizar sobre um conceito a ser aplicado à realidade.

Palavras-chave: Jacques Rancière; Joseph Jacotot; Cena; Igualdade.

[*] Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora em Universidade de São Paulo (USP). E-mail: tais.araujo@usp.br. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8793630675802242. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8770-9308.

The Jacotot scene and the equality message

Abstract: This article analyzes The Ignorant SchoolMaster from the notion of writing as a scene in Jacques Rancière. Thus displacing the pedagogical guid-ance of Joseph Jacotot's Universal Teaching toward a reflection about narrative as an equality message. From this perspective, questioning if teach-ers should continue to explain or if the school is a brutalizing institution is considered hasty because it limits the reflection about the conceptions at stake. The article aims to understand Jacotot's story and the affirmation of the equality of intelligences as the presentation of a scene and its unfold-ings, bringing to light the conception of an event as a set of connections that define a singularity. The analysis shows that, through writing, Rancière shows his conviction about enacting equality instead of theorizing about a concept to be applied to reality.

Keywords: Jacques Rancière; Joseph Jacotot; Scene; Equality.

La scène Jacotot et le message d'égalité

Résumé: Dans cet article, je réalise une analyse du livre de Jacques Rancière, Le Maître ignorant, en considérant la manière dont l'écriture constitue une scène. Les direc-tives pédagogiques de l'Enseignement universel, formulées par son personnage principal, Joseph Jacotot, cèdent place à une réflexion sur la façon dont la narration se traduit en un message d'égalité. En adoptant le point de vue de l'œuvre, les interrogations relatives à l'enseignement – qu'il s'agisse du devoir des enseignants d'expliquer ou si l'école est une institution embrutissante – deviennent des questions précipitées. Comme nous le verrons, elles limitent la réflexion sur les conceptions pédagogiques en jeu. Dans cette perspec-tive, je me propose de comprendre com-ment le récit de Jacotot et l'énoncé sur l'égalité des intelligences nous mettent en présence d'une scène et de son dérou-lement. En utilisant le concept d'événement comme un ensemble de connexions qui définissent une singularité, je montrerai qu'à travers l'écriture, Rancière met en acte sa conviction de rendre l'égalité effective, plutôt que de se limiter à la théorisation d'un concept prétendument applicable à la réalité.

Mots-clés: Jacques Rancière; Joseph Jacotot; Scène; Égalité.

Introdução

Em *O Mestre Ignorante* [1987] (2013), Jacques Rancière apresenta a história de uma personagem relegada ao esquecimento, Joseph Jacotot. Em meados do século XIX, suas controversas ideias se popularizaram entre uma elite progressista como se fossem a proposição de um método de ensino eficaz, capaz de qualificar o operário para cumprir as exigências de uma nova sociedade nascida com a Revolução Francesa. Os efeitos do ensino universal não deslumbraram somente acadêmicos pertencentes a sociedades letradas e científicas da época, mas também cativaram os próprios trabalhadores. Reconhecido como o "método dos pobres", anunciava que poderia tirar os operários da posição da desigualdade das inteligências, ao multiplicar seus poderes intelectuais, independentemente do grau de instrução de cada um e da sua posição social.

Ao narrar com certo detalhamento as peripécias de um professor pouco convencional, Rancière despertou o interesse de pesquisadores da área da Educação, tornando a proposta de Jacotot em torno da emancipação intelectual uma categoria transposta para a compreensão da educação nas escolas contemporâneas. Com certa frequência, o termo integra pesquisas relativas a métodos de ensino e inspira novas pedagogias em disciplinas escolares as mais diversas. Ao afirmar que recorrer a explicações sobre um conteúdo a ser ensinado seria o equivalente a não acreditar no potencial de cada um para aprender com o uso da própria inteligência, Jacotot possibilitaria críticas ao papel do professor, reconhecido por ser alguém que explica seu saber. Isso equivaleria dizer impor um conhecimento legitimado como válido aos demais:

> Eis, por exemplo, um livro entre as mãos do aluno. Esse livro é composto de um conjunto de raciocínios destinados a fazer o aluno compreender uma matéria. Mas, eis que, agora, o mestre toma a palavra para explicar o livro. Ele faz um conjunto de raciocínios para explicar o conjunto de raciocínios em que o livro se constitui. Mas, por que teria o livro necessidade de tal assistência? (Rancière, 2013, p. 21).

Quando consideradas como práticas pedagógicas, algumas passagens de *O Mestre Ignorante* vieram a se transformar em discurso pedagógico, suscitando em educadores o desejo de implementar as propostas de Jacotot no seu cotidiano. Se os estudantes flamengos de Jacotot se ensinaram a ler e escrever em francês sem as explicações do mestre sobre a gramática da língua, então isso não significaria que o professor deve se abster de intervir no processo de aprendizagem? A constatação sobre a igualdade das inteligências não sugeriria que professores e alunos compartilham do ato de aprender nas mesmas posições? Poderíamos substituir a designação "ensino tradicional" por "ensino embrutecedor"?

Indagado sobre uma questão semelhante a essas, a respeito de qual seria o problema mais urgente da educação, Rancière responde que perguntas sobre o que se deve fazer com o sistema escolar apresentam um equívoco de partida na sua formulação. Para o filósofo, tratar-se-ia, antes, de mudar a perspectiva em relação às expectativas de transformações sistêmicas, pois a noção de emancipação intelectual nos levaria a refletir sobre como podemos conservar espaços e tempos livres dentro do próprio sistema (Giuliano; Cantarelli, 2016, p. 619).

Esse tipo de interrogação a partir da leitura de *O Mestre Ignorante* seria própria de interpretações que destacam as situações variadas de efetivação do ensino universal e algumas das proposições de Jacotot acerca da emancipação intelectual do sentido da obra. Seguindo esse caminho, *O Mestre Ignorante* poderia ser tomado como mais uma proposta de educação ativa ou libertária. Mas, com isso, assumir-se-ia um risco: o de desconsiderar o livro como um todo e ignorar o recado da narrativa.

A escrita de *O Mestre Ignorante*

Uma escrita recadeira

Ao se ressaltar o processo de escrita de Rancière, no qual existe um esforço para erodir os referenciais disciplinares, percebe-se que o filósofo não realiza análises a partir de objetos delimitados como pertencentes a um dado campo, como educação, política ou estética, por se tratar de um pensamento indisciplinado, imbricado numa escrita que desloca consensos. Em relação à educação, por exemplo, o filósofo se recusa a utilizar conhecidos clichês a respeito da escola, ao afirmar que não basta opor ao modelo escolar tradicional uma proposta de aprendizagem ancorada na "cultura geral" ou ainda num "espírito crítico" (Giuliano; Cantarelli, 2016, p. 619).

Em vez de buscar em Jacotot uma saída para o sistema escolar contemporâneo, Rancière se apropriou da afirmação polêmica da igualdade das inteligências como forma de escrita, aproximando registros de variados gêneros e contextos a fim de constituir reflexões sobre temas em diversas áreas, sem se fixar na postura do especialista. A partir das ideias de Jacotot, Rancière colocou em questão a concepção de saber enquanto um discurso desvelador da realidade aos ingênuos ou ignorantes, ao fazer circular diferentes saberes com relativa liberdade nas suas interpretações, sem almejar possuir o domínio de um campo específico do conhecimento, construindo uma obra marcada por um "traço inintegrável" (Cornu; Vermeren, 2006, p. 10).

Por isso, apesar de *O Mestre Ignorante* narrar a história de um professor, não se trata de uma obra de pedagogia em sentido estrito. Ao realizar esse distanciamento é possível compreender que o livro não propõe métodos renovados de ensino, pois a formulação em torno da igualdade das inteligências não é uma teoria a se aplicar, mas, antes, um axioma que é preciso verificar, ou seja, um postulado prático, uma tomada de posição política.

Rancière não se vale de definições conceituais convencionais para nos apresentar sua postura ou realizar uma reflexão sobre o agir político. A

sua forma de escrita já é uma verificação em ato da igualdade das inteligências na forma de uma escrita híbrida que fusiona filosofia, história e literatura. Para tanto, o filósofo narra a aventura intelectual de Jacotot ora fazendo citações diretas, ora embaralhando as vozes da personagem com a do narrador, além de agregar outros textos à narrativa. Esse procedimento não se restringe ao livro em si, pois se tornou um estilo de pensamento marcado pelo enigma, o que requer uma leitura atenta, capaz de estabelecer relações entre os diferentes registros apresentados.

Para compreender o sentido de *O Mestre Ignorante* e dessa escrita híbrida, recorremos à análise de José Miguel Wisnik (1998) sobre o conto *O Recado do Morro*, de Guimarães Rosa, a fim de apreender a narrativa de Jacotot por meio do termo "recado". Wisnik vislumbra no conto duas viagens: a literal, em que um naturalista nórdico, em companhia de um grupo de sertanejos liderados por Pedro Orósio, percorre Minas Gerais a fim de conhecer o sertão para realizar estudos científicos e a viagem metafórica, a do recado enigmático de um homem na estrada que fala em desabamentos no Morro da Garça. Ao longo da história, a mensagem desse homem vai sendo transmitida oralmente entre diversos personagens e se transformando cada vez em que é recontada até chegar aos ouvidos do protagonista, Orósio, em forma de música, e decidir o destino da primeira viagem, a literal.

A análise de Wisnik nos possibilita entrever uma história literal e uma metafórica na narrativa sobre Jacotot. No conto de Rosa, uma mensagem não é transmitida de forma direta, pois circula entre alguns "recadeiros"; na narrativa de Rancière, a narrativa do professor revolucionário também não é uma transmissão direta de suas experiências com o ensino universal. Afinal esse recado é passado por meio de outros recadeiros: os diversos registros que compõem *O Mestre Ignorante*. Em outros termos, um recado que não é literalmente a história de Jacotot nos é transmitido pela própria escrita do filósofo, não no sentido de uma explicação, mas evidenciando que algo se passou: o recado da igualdade simbolizada nos atos da personagem, cujo sentido desvendamos ao ouvi-lo a partir da justaposição da palavra de Jacotot com outras palavras.

Para Wisnik (1998, p. 162), mensagem e recado são distintos. Enquanto a mensagem seria a informação enviada a alguém, o recado é o "recado da palavra"; palavra que não se transmite diretamente, mas que se encontra em um circuito por ser passada de um a outro por meio de um terceiro, quarto ou quinto interlocutor, os "recadeiros". Assim, em vez de entender *O Mestre Ignorante* como um texto de pedagogia, por nos apresentar práticas de ensino, ou como um discurso pedagógico, propomos-nos a compreendê-lo como uma forma de escrita que nos dá um recado. Trata-se de uma narrativa que nos evoca a perceber as extravagâncias que a ficção faz existir por um momento (Rancière, 2018a, p. 92).

Desse modo, não se mostra relevante interrogar se a experiência de Jacotot sobre ensinar sem explicações seria possível na instituição escolar ou se o sistema de ensino seria embrutecedor ou emancipador. Ao deslocarmos a literalidade da primeira história narrada por Rancière – em que se destaca o método construído pelo professor do século XIX – conseguimos interpretar essa experiência a partir de uma segunda história narrada pelo filósofo, a metafórica, a que nos conduz a uma lógica que se efetiva em uma cena de igualdade.

A cena como modo de dar o recado

Na obra de Rancière, a cena se tornou um dispositivo que possibilita a invenção pela escrita de "planos de igualdade", um modo de reflexão que se diferencia da análise acadêmica habitual. Em vez de conceitos cujo objetivo seria o de dispor definições sobre dado assunto e a sistematização de uma teoria, a escrita em cenas permite a construção de um "mundo sensível", no qual "as condições são imanentes à sua efetuação" (Rancière, 2012, p. 123). Desse ponto de vista, seus livros "são composições de palavras, argumentos, relatos, imagens" (Rancière, 2022, p. 34) que condensam experiências, fornecem uma proposição de mundo, buscam efetivar a igualdade. Uma escrita cuja implicação seria a de provocar afetos, deslocamentos, ressignificação de palavras.

Essa concepção sobre o trabalho acadêmico se difere da convencional por romper com a hierarquia entre "sensível" e "inteligível", de acordo com a qual caberia ao pesquisador a posse de instrumentos conceituais que dariam inteligibilidade à realidade analisada. Com a posse de um arcabouço teórico, de partida se determinaria um conjunto de generalizações a serem tomadas como causas de fenômenos, que, por sua vez, seriam explicados como casos concretos que ilustram ou comprovam os efeitos das premissas esboçadas previamente ao contato com o material de pesquisa.

Para romper com esse modo de escrita, ao contar a história de Jacotot, Rancière deliberadamente turvou as fronteiras entre a sua palavra e a da personagem, tornando a autoria de algumas passagens indeterminadas e o trabalho de discernir se tal fala é do filósofo ou do professor árduo. Essa forma de escrita então se desvincula da hierarquia presente nas humanidades, segundo a qual a "palavra que é recolhida" (Rancière, 2022, p. 29) pelo pesquisador, o dado sensível, transforma-se em objeto de análise inteligível. Essa palavra, geralmente popular ou marginal, passa a ser polida pelo especialista como se fosse o seu "material bruto", cabendo ao intelectual explicar os significados desse material por meio da sua "palavra de mestre".

Esse desnível construído entre o pesquisador e seu objeto poderia ser visto como resultado de uma partilha do sensível, organizadora da escrita acadêmica, ou seja, como a constituição estética que dá forma a uma comunidade, condicionando "a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição dos quinhões" (Rancière, 2017, p. 8).

Rancière mobiliza a noção de partilha do sensível de modo a compreendê-la de um ponto de vista policial ou político. A partilha policial do sensível define as formas do tomar parte, antecipa a repartição de lugares, designando aquele que seria próprio a cada qual (Rancière, 2014, p. 146). Esse tipo de partilha coloca cada um em sua devida posição: "faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce" (Rancière, 2009, p. 16).

Na partilha do sensível da escrita acadêmica, efetiva-se uma *partilha policial*, pois o pesquisador agiria de modo hierárquico em relação aos textos de Jacotot, "distribuindo os quinhões" justamente ao supô-lo enquanto objeto de suas premissas, enquadrando-o em uma teoria de educação ou ao querer o aplicar tal como se sua palavra representasse conceitos com poder de organizar ou sistematizar a realidade vivida conforme expectativas do pesquisador. Ou, ainda, ao interpretar sua experiência de forma privilegiada, como se o "material" já não fosse uma interpretação de si.

Em vez de trazer à luz as vicissitudes de um objeto, a cena manifesta uma *partilha política* do sensível, ao constituir a palavra enquanto uma composição de significados, tornando visível tanto a sua mensagem, quanto os seus efeitos, num circuito da palavra. Para utilizarmos os termos de Wisnik, significaria dizer que a cena dá a ver tanto a história literal, quanto a simbólica, deslocando Jacotot de um lugar que lhe seria próprio, como o discurso pedagógico.

No conto de Rosa, o cruzamento dessas duas histórias nos mostraria que o sertão, interrogado pela cultura letrada, responde enigmaticamente com a música do Morro da Garça, que é reinterpretada a cada vez que o seu recado circula (Wisnik, 1998, p. 161). Ao incluir a paisagem desconhecida nos manuais científicos, como era o objetivo do naturalista nórdico ao avaliar o material bruto de acordo com suas referências prévias ao contato com esse novo ambiente, ele ofuscava o enigma anunciado pela viagem metafórica, a do recado. O enigma só seria desvendado por quem "dá conta do recado", no caso, o guia da viagem, o sertanejo Orósio.

Em paralelo, poderíamos afirmar que, em *O Mestre Ignorante*, Rancière constrói duas histórias, uma que seria a literal; outra, a metafórica, em que o passado interrogado responde enigmaticamente às interpelações do presente. Dispensar a segunda em prol do favorecimento da primeira seria ignorar o recado e enquadrar a palavra de Jacotot de acordo com as expectativas do pesquisador, cujos referenciais de análise se constituíram anteriormente ao contato com esse passado.

Em outras palavras, ignorar o recado da narrativa e extrair da história somente seu sentido literal, a experiência pedagógica de Jacotot, seria considerar *O Mestre Ignorante* tal qual um discurso tradicionalmente construído de acordo com os parâmetros da escrita das Ciências Humanas, uma "matriz estável do saber", na visão de Rancière. Dessa matriz, procura-se o encadeamento causal como condutor da ação dos indivíduos cujo objetivo é o de produzir um sentido de realidade (Rancière, 2021, p. 12).

Já na escrita de Rancière, a análise histórico/filosófica é elaborada na contramão dessa estabilidade, incorporando aspectos do fazer literário que o filósofo vislumbra nos autores que ele mesmo toma como interlocutores do pensamento. Ao comentar sobre o papel da ficção na obra de Guimarães Rosa, por exemplo, Rancière afirma que "a ficção é a vida reinventada, diferente da vida ordinária, mas que, no entanto, não cessa de circundá-la", sendo a tarefa do escritor a invenção de narrativas que as façam se encontrarem (Rancière, 2021, p. 31).

Em *O Mestre Ignorante*, esse aspecto poético da escrita se evidencia na associação entre a história literal de um pedagogo do século XIX e seus significados. O filósofo possibilita o encontro entre uma personagem ordinária do arquivo histórico e a igualdade enquanto enigma, que interpela o tempo presente quando se acreditava já não se ter mais o que dizer, dado o silêncio do esquecimento. No entanto, é justamente desse modo que a escrita intervém, tal qual na sua interpretação do conto *A Terceira Margem do Rio*, em que um pai se retira em uma canoa para o meio do rio, misteriosamente, sem fornecer qualquer justificativa para a família. O filho desse homem se estabelece em uma de suas margens numa posição de solicitude perante o pai, que, porém, desaparece sem explicações. O filho, então, entende que não há herança positiva a ser revelada, ao se recusar a tomar seu lugar na transmissão da mensagem: o recado do pai está dado na sua ação, ele estaria condenado a se calar. Rancière pontua que, mesmo não carregando uma informação sobre o ato incompreensível do pai, *algo se passou*, pois, da margem onde se encontra o filho, se "transmite a

lembrança da verdadeira vida [...]a memória do rio sem bordas" (Rancière, 2021, p. 49).

Por isso, a relevância em se ressaltar a cena como forma de escrita de Rancière ao nos voltarmos ao sentido de *O Mestre Ignorante*, tendo em vista que o autor não se propõe a explicar a palavra do outro de acordo com parâmetros prévios, delimitando-a numa margem ou na outra do rio, ou com o intuito de transformar essa palavra em conceito aplicável a outras realidades indiscriminadamente. Antes, narra a história para evidenciar um pensamento efetivo que circula nos textos. Em suma, a cena não busca impor uma teoria a uma realidade vivida, pois não se propõe a ser totalizante nem a mostrar o que estaria escondido sob aparências ilusórias. Antes, possibilita aproximações com "pontos do real", dispondo da fala do outro enquanto um "universo de palavras" (Rancière, 2012, p. 69) em que está em jogo um sistema de relações simbólicas.

Pela cena, a escrita permite a compreensão de um tema a partir de uma singularidade, o que impede, por princípio, a sua transformação em um conceito a ser aplicável. Diferente da "máquina da explicação", que postula uma série interminável de condicionantes de dado fenômeno social ou se arroga o papel de trazer à superfície aquilo que estaria escondido, o objetivo da cena é constituir "a espessura do tecido sensível e inteligível", que manifesta uma experiência condensada (Rancière, 2018b, p. 18). Ou seja, é tecer uma rede de significações a partir da palavra do outro num plano em que "tudo é verificável" (Rancière, 2012, p. 99).

O que significa a invenção de um bloco sensível no qual os elementos diversos estão dispostos num mesmo patamar, o que nos possibilita uma reflexão sobre as condições mesmas da produção intelectual, uma vez em que se pode vislumbrar como identificações e recortes (*decoupage*) de territórios possíveis foram manejados.

O recado da igualdade

Inversão de lugares

Em *A Noite dos Proletários*, de 1981, Rancière (1988) recria o universo dos operários da década de 1830 por meio de fragmentos de textos escritos por eles próprios em livros e jornais autônomos que circulavam em Paris e Lyon. Rancière se refere a Jacotot ao contar como Louis Vinçard, um dos operários-poeta da narrativa, foi introduzido ao mundo da leitura por sua mãe, "mais ou menos analfabeta", que ensinou ao seu filho "o que ela própria não sabia", inspirada pela situação do *Telêmaco* (Rancière, 1988, p. 60). Nesse contexto, anterior às reformas educacionais de Jules Ferry na Terceira República, marcado pelos altos índices de analfabetismo da população, o ensino universal surgia como um modo de mostrar que pais não letrados poderiam, eles mesmos, ensinar seus filhos a lerem (Ross, 1991, p. VII). Em artigo publicado em 1985, "saberes heréticos e emancipação do pobre", Rancière menciona novamente Jacotot, para afirmar que o preceito da emancipação intelectual, "aprenda qualquer coisa e relaciona a isso todo o resto", teria ressoado entre os operários do início do século XIX.

Colocando *O Mestre Ignorante* no contexto imediato de sua produção, temos mais elementos para distanciá-lo de um texto que supostamente fundamentaria a busca por métodos de ensino alternativos à educação tradicional. Escrito em 1987, Rancière procurou evidenciar as ideias que um excêntrico professor endereçava à classe operária em formação antes do aparecimento das suas entidades representativas e da ampliação do sistema público de instrução. Nesses textos da primeira metade do século XIX, a presença de Jacotot era recorrente, tendo em vista os efeitos das suas experiências com o ensino de qualquer assunto, sem que, para isso, fosse necessário ter previamente o conhecimento daquilo que se ensinava.

Evitando explicar as propostas do ensino universal, Rancière narra suas experiências em diversas passagens como se ele mesmo fosse

uma personagem do passado em viagem ao tempo presente para relatar o que vivenciou (Ross, 1991, p. XXII). Desse modo, temos acesso à história literal de *O Mestre Ignorante*, em que os feitos de Jacotot e suas proposições elaboradas no exílio, seu retorno a Paris, o impacto de suas ideias entre os letrados da época, seus detratores e seguidores são apresentados ao leitor. Seguindo o fio dessa história, o livro parece apresentar uma teoria educacional, tendo em vista a detalhada descrição do método em questão.

Ao se considerar, no entanto, que não é exatamente a palavra do filósofo que conduz o desenrolar do conteúdo do texto, vislumbramos a história metafórica. Essa segunda história é contada sobretudo pela voz do próprio Jacotot, mas não de forma solitária, já que ela é recortada, numa *découpage*, pelos comentários do filósofo e integrada arbitrariamente a outras fontes. Sem que, para tanto, Rancière nos revele na integralidade suas referências bibliográficas, interlocutores, justificativas, concordâncias com as ideias em jogo. Nem ao menos se dadas passagens do texto são suas ou de Jacotot.

Esse procedimento de escrita não foi deliberadamente proposto por Rancière como método de pesquisa; antes, mostrou-se a forma mais adequada para tecer uma reflexão movida por questões do seu tempo presente a partir dos textos do passado com os quais o filósofo escolhia dialogar (Araújo, 2025). Nos anos 1970/1980, seguindo uma trilha aberta pelos trabalhos genealógicos de Michel Foucault ou de Arlette Farge, nos quais se expressava um modo não-ortodoxo de se relacionar com material de arquivo, Rancière também se encontrou com uma documentação que, no fim, impôs-se ao intelectual e exigiu dele um "modo coerente" de escrita em relação ao seu conteúdo. Por isso, teria sido

> levado a operar um duplo deslocamento. Por um lado, finalmente fazer com que essas palavras de operários saíssem do lugar que normalmente lhe era atribuído; por outro, deslocar a minha própria do lugar que lhe era normalmente atribuído: seja da argumentação filosófica, seja da explicação histórica (Rancière, 2022, p. 30).

Ao operar esse duplo deslocamento, Rancière aprendeu a refletir sobre textos de autores inesperados, realizando, por vezes, uma inversão, pois, em vez de o intelectual se colocar como porta-voz do seu objeto, é o objeto que fala em nome do pesquisador. Essa inversão é radicalmente colocada em prática com a noção de emancipação intelectual: "é o objeto que nos ensina como nós podemos falar sobre ele, como nós podemos tratá-lo" (Rancière, 2012, p. 123); e a palavra de Jacotot exigia a "suspensão da lógica dominante dos encadeamentos de factos e de interpretações, que é a da história sociologizada" (Rancière, 2006, p. 178).

Em vez de definir a noção de emancipação intelectual como se fosse um conceito a ser aplicado a uma realidade, Rancière se apropriou das ideias de Jacotot como um pensamento em ação. Mostrou uma cena, a emancipação intelectual em ato, processo: a primeira história, literal, da qual outras cenas seriam aproximadas ou distanciadas; a segunda, metafórica, na sua escrita em *decoupage*. Para o autor, a igualdade é "enunciado performativo" (Giuliano; Cantarelli, 2016, p. 614), cuja potência prática é indeterminada *a priori*. Portanto, para tratar desse tema, da emancipação intelectual, impôs-se a Rancière a necessidade de enunciá-la performaticamente nessa narrativa singular.

O Mestre Ignorante em cenas

Primeira parte: a cena primeira

Esta reflexão sobre a escrita de Rancière nos permite perceber a articulação de uma cena primeira a um máximo de significações relacionadas a essa singularidade. De uma cena primeira, desdobram-se um conjunto de outras. A cena da qual se parte é a experiência de Jacotot, em Louvain, com o grupo de estudantes que aprendem a ler e a escrever em francês com a leitura de uma edição bilíngue do *Telêmaco*, de Fénelon. Dessa situação, o professor percebeu que, numa relação de ensino, o

estabelecimento de uma coisa comum seria mais importante do que as explicações do saber do mestre.

Isso porque dispor de uma coisa comum deixava as inteligências livres – tanto a do professor, quanto a do aluno – no contato com uma obra humana, ela mesma uma inteligência. A partir daí, aquele que desejasse aprender forçaria a sua vontade em relação a um objeto do aprendizado, focando sua atenção, em vez de aceitar uma explicação alheia. Essa experiência seria a do ensino universal. Nesse momento inicial, Rancière afirma que a denominação da experiência se deve ao fato de que aprender sem explicações é uma capacidade humana que, nas palavras de Jacotot,

> existe, de fato, desde o começo do mundo ao lado de todos os métodos explicadores […] todo homem faz essa experiência mil vezes em sua vida, e, no entanto, jamais ocorreu a alguém dizer ao outro: aprendi muitas coisas sem explicação e creio que, como eu, também o podeis (Rancière, 2013, p. 35).

O anúncio da igualdade das inteligências é a cena primeira, o que fundamenta a emancipação intelectual, entendida como "o ato de uma inteligência que não obedece senão a ela mesma, ainda que a vontade obedeça a uma outra vontade" (Rancière, 2013, p. 32). Algo que veio à tona em razão da experiência com o *Telêmaco* e das demais situações em que Jacotot se pôs a ensinar aquilo que não sabia. A percepção de que seria possível ensinar sem transmitir explicações fez com que o aprendizado proporcionado por esses exercícios se tornasse simbólico de uma potência humana: a de usar sua inteligência. O que não se resumiria ao acúmulo de um tipo de conhecimento, já que se tratava de pôr em questão a *relação pedagógica* estabelecida entre a ignorância e a ciência, a fim de "reconhecer a *relação filosófica* muito mais fundamental, entre o embrutecimento e a emancipação" (Rancière, 2013, p. 32, grifos meus).

Ao se voltar às proposições do ensino universal, Rancière desenvolve a relação entre os dois termos por meio de uma discussão sobre vontade, inteligência e atenção. Para Jacotot, a experiência do *Telêmaco* o fez perceber que, no aprendizado, duas faculdades humanas interagem: a

vontade e a inteligência. Nessa relação, a atenção é um ato que faz a inteligência se mover sob o "comando absoluto" de uma vontade. Portanto, não há tipos diferentes de inteligência ou "dois tipos de espírito", o popular e o instruído, isso porque a inteligência é concebida por Jacotot como a potência para se aprender, entender algo do mundo.

Desse modo, não existe hierarquia na capacidade intelectual humana, mas maior ou menor vontade comunicada à inteligência pela atenção. Para entender uma obra, aprendem-se signos, frases a partir de uma "atenção absoluta", pois é necessário "ver e ver de novo", observar, comparar, combinar, ressaltar:

> O louco – o Fundador – como o chamam seus sectários – entra em cena com seu *Telêmaco*, um livro, uma *coisa*. — Toma e lê, diz ele ao pobre. — *Eu não sei ler*, responde o pobre. Como compreenderia eu o que está escrito no livro? — Da forma como compreendeste todas as coisas, até aqui: comparando dois fatos […] Para tanto, será preciso que me digas tudo o que vês (Journal *de L'émancipation Intelectuelle apud* Rancière, 2013, p. 43, grifos do autor).

Na cena narrada acima, o mestre ignorante se encontra em ação. Seu papel não é o de avaliar o conteúdo que o aluno encontrou, mas o de verificar se ele procurou e se o fez com atenção. Para tanto, a existência de uma coisa comum, no caso o *Telêmaco*, garante a igualdade em relação à faculdade compartilhada por mestre e aluno: a inteligência, potência humana. Procurar entender uma obra, e fazê-lo com atenção, é o ponto de comunicação entre ambos, mas de distância ao mesmo tempo. Isso porque as inteligências se mantêm livres nessa relação, pois o mestre não subordina a do aluno à sua.

Desse modo, a emancipação seria a afirmação sobre a livre ação da inteligência de cada um ao se debruçar sobre uma obra humana, já o embrutecimento, a sobreposição da inteligência do mestre em relação à do aluno, por meio da explicação, que "aniquila um espírito no outro". Esse é o ponto fundamental da narrativa de Jacotot que faz com que Rancière

problematize o que ele denomina como "explicação". Do ângulo do embrutecimento, a indistinção entre as inteligências seria resultante da determinação, *a priori*, pelo professor do ponto de chegada da inteligência do aluno. A fim de garantir esse resultado esperado, serão buscados os mais aperfeiçoados métodos, sem, com isso, modificar o seu lugar na relação com o saber, ou seja, a posição de quem detém o conhecimento como aquele que manifesta uma suposta inteligência, de tipo superior, a ser alcançada pela suposta inteligência inferior do aluno.

Para evitar a indistinção entre as inteligências, que leva a uma assimetria de lugares perante o saber, não basta, por isso, a defesa de um método renovado contra um suposto modo tradicional de se ensinar: "chamar-se-á emancipação à diferença conhecida e mantida entre as duas relações, o ato de uma inteligência que não obedece senão a ela mesma, ainda que a vontade obedeça a uma outra vontade" (Rancière, 2013, p. 32). A emancipação exige que se *mostre* a potência em ato da igualdade dos seres intelectuais (Rancière, 2003, p. 62).

Não se trata, assim, de mais uma teoria a vir reforçar as pedagogias ativas, até porque, nessas propostas de renovação dos métodos de ensino, é justamente a vontade do aluno que se encontra em questão, pois métodos são pensados para mantê-la livre no ato de aprender, respeitando a sua espontaneidade. Enquanto, por outro lado, espera-se que o aluno desenvolva sua inteligência de acordo com a do professor, que deve prevalecer, afinal, "a tarefa do professor, segundo essa concepção (a de John Dewey), seria aperfeiçoar seu método de ensino a partir da observação sobre as relações que se dão entre o aluno e a matéria de estudo" (Custódio; Carvalho, 2016, p. 929), como é possível vislumbrar numa afirmação do próprio autor referenciado:

> o professor precisa ter seu espírito livre para observar as reações e *movimentos mentais* dos estudantes que compõem o grupo. O problema dos alunos encontra-se na matéria; o dos professores é *saber o que está fazendo a mente dos alunos* com a matéria (Dewey *apud* Custódio; Carvalho, 2016, p. 929, grifos meus).

Por isso, Rancière afirma que a experiência de Jacotot é uma "ruptura com a lógica de todas as pedagogias", sejam aquelas proponentes de "métodos duros ou suaves, tradicionais ou modernos, passivos ou ativos" (Rancière, 2013, p. 32). Todas essas teorias que se propõem a sistematizar uma forma de modificar o modo como se ensina algum conteúdo possuem consenso quanto à necessidade do método, cujo resultado deve ser extirpar a ignorância e fazer prevalecer a ciência.

Jacotot coloca em questão esse acordo ao recusar aquilo que se apresenta em qualquer método: a sujeição de uma inteligência à outra. Assim, inverte essa relação ao afirmar que uma vontade pode forçar outra vontade, se assim for preciso, a fim de que o outro foque sua atenção para aprender. Porém, ao fazer isso, deve-se deixar livre a inteligência, para que o outro se aventure na atribuição de significados a uma obra humana.

Nessa parte inicial da narrativa, as experiências pedagógicas de Jacotot, sua crítica à pedagogia e ao ensino são centrais na escrita de Rancière. Ainda que o filósofo já disponibilize elementos para dissociarmos Jacotot do discurso pedagógico, é possível estabelecer relações entre sua experiência e a escola de forma geral. A crítica ao acordo entre os métodos vem, de fato, acompanhada da caracterização da escola como uma instituição simbólica da conciliação entre ordem e progresso. Jacotot denunciava que as concepções de ensino se atrelavam ao saber científico, e as instituições escolares cada vez mais eram concebidas como os lugares do conhecimento organizado como uma progressão racional.

Segunda parte: desdobramentos de um princípio

Entretanto, o livro não termina no relato da experiência profícua de Jacotot, subversiva da instituição escolar. A sua postura não diz respeito somente à escola, pois se trata de pôr uma *lógica* em questão. Essa lógica é a que subjaz ao termo compreensão, se visto como um véu que recobre todas as coisas. Ao se conceber a atitude do entendimento como um desvelar da

realidade, admite-se que tal ato é dependente de alguém que possui a capacidade para realizar o desvelamento. Compreender algo por conta própria, pelo esforço da própria inteligência, passa a ser desacreditado na era do progresso:

> o princípio da desigualdade, o velho princípio, embrutece não importa o que se faça; o princípio da igualdade, o princípio Jacotot, emancipa qualquer que seja o procedimento, o livro, o fato ao qual se aplique (*Journal de L'émancipation Intellectuelle apud* Rancière, 2013, p. 50).

Ou seja, não se trata de um método a escolher, mas de uma postura a se assumir diante da capacidade humana de entendimento, pois o que importa é a afirmação de um princípio, a igualdade.

Para tornar visível essa afirmação, no terceiro capítulo, "A Razão dos Iguais", a narrativa sobre os acontecimentos propriamente relativos ao ensino universal é suspensa. A partir desse capítulo, sua escrita em *découpage* apresenta a cena primeira da igualdade e seus efeitos como uma multiplicidade de registros de discursos que nos permite perceber as relações simbólicas em questão. O filósofo passa a *demonstrar* como a emancipação intelectual viria a fazer a república do saber "tremer em suas bases".

Partindo de uma frase – "nós orientamos as crianças a partir da *opinião* da igualdade das inteligências" –, Rancière se atém ao sentido do termo principal presente nas ideias de Jacotot: "vejo que o homem faz coisas que os outros animais não fazem. Chamo a esse fato, a meu gosto, *espírito*, ou *inteligência*; nada explico, dou um nome ao que vejo" (Rancière, 2013, p. 77, grifos do autor).

A seguir, possivelmente assumindo a palavra de Jacotot, Rancière aponta que, pela observação, vê-se que as crianças fazem as mesmas coisas nos primeiros momentos da vida e se pode constatar que elas teriam, então, "absolutamente a mesma inteligência". Ao crescerem, porém, essas duas inteligências começam a se diferenciar, pois mostrarão resultados distintos para a mesma ação. Com isso, é possível afirmar que uma seria mais

inteligente do que outra. Por outro lado, também se pode supor que não existem aí diferentes faculdades, apenas que uma mesma faculdade não foi igualmente posta em prática:

> não direi que ele é menos bem sucedido porque é menos inteligente. Direi que talvez ele tenha realizado um trabalho menos bom porque trabalhou menos bem, que não viu bem porque não olhou bem. Direi que ele dedicou a seu trabalho menor atenção (Rancière, 2013, p. 78).

Ao articular inteligência e atenção, Rancière resume uma ideia-chave do ensino universal: "o homem é uma vontade servida por uma inteligência". Assim, diferentes performances intelectuais adviriam de "vontades desigualmente imperiosas".

Os termos em debate se remetem a querelas intelectuais contemporâneas a Jacotot a respeito da precedência da linguagem ou do intelecto no ato de entender. O tema interessa a Rancière na medida em que, por meio dele, é possível compreender a afirmação de Jacotot enquanto um princípio, e não uma teoria. Para tanto, aproxima a discussão, mencionando três pensadores do século XVIII, das ideias relativas à noção de igualdade das inteligências, a fim de mostrar a razão dos efeitos da postura em prol da igualdade. Com isso, subverte a tradição filosófica, utilizando de seus cânones para mostrar uma *opinião*, dado que é impossível a sua comprovação.

A relação entre inteligência e vontade, tal como a formula Rancière com as palavras de Jacotot, não seria uma novidade. Antes, foi definida por Saint-Lambert, poeta e adepto da Ilustração, autor da frase "*O homem é uma organização viva*, *servida por uma inteligência*", que visava a reforçar o materialismo inspirador das ideias racionalistas à época. Com a Restauração, o Visconde de Bonald, contrário ao movimento, a teria invertido ao dizer que "*O homem*, proclamava, *é uma inteligência servida por órgãos*" para responder ao seu interlocutor iluminista com o mecanicismo que negava à inteligência "qualquer direito à pesquisa da verdade". Como contraponto a Bonald, Maine de Biran retoma a

preeminência do ato intelectual diante da linguagem, ao afirmar: "o homem só aprende a falar ligando ideias às palavras que recebe de sua ama" (Rancière, 2013, p. 82, grifos do autor).

O objetivo de Rancière, ao trazer os autores, não é o de fazer uma reflexão teórico-conceitual, pois não há desenvolvimento das ideias apresentadas a fim de sustentar uma ou outra visão, mas, antes, trata-se de *verificar os efeitos* de duas opiniões que se contrapõem em relação aos termos inteligência e vontade: uma opinião que defende a igualdade e outra, a desigualdade. Jacotot e Biran se aproximariam, ainda que cada qual num espectro político diferente, da defesa da igualdade em relação à inteligência como capacidade humana. Ambos concebem que o pensamento – a inteligência – se apoia em seu ato próprio, que a vontade é um esforço de cada um sobre si mesmo, que o espírito se autodetermina enquanto atividade: "a inteligência é atenção e busca, antes de ser combinação de ideias" (Rancière, 2013, p. 83).

Por isso, o cerne do ensino universal era o encorajamento ao improviso, pois era preciso falar, colocar a inteligência em ato. Já na falta de ação ou de vontade, não haveria nada. "Um indivíduo pode tudo aquilo que quer", ou seja, ao agir, tomam-se as palavras para atribuir significados. O ato de prover sentido às coisas se dá em decorrência da existência da vontade. E só há uma maneira de se efetivar essa ação: utilizando-se da arbitrariedade da língua para manifestar o pensamento, para se comunicar com outros seres pensantes, um "esforço de todos os instantes, para traduzir e contratraduzir os pensamentos em palavras e as palavras em pensamento". Isso porque o pensamento se transforma em palavra pelo desejo de compreender. "Talvez agora se compreenda melhor a razão dos prodígios do Ensino Universal: os recursos que põe em ação são simplesmente os de toda situação de comunicação entre dois seres racionais" (Rancière, 2013, p. 95).

Nem método de ensino, nem explicação de um conceito, já que o ensino universal resultava de uma opinião sobre a igualdade, além de não ser "um método para instruir o povo senão para anunciar tudo que pode um homem". Essa potência pertenceria a qualquer um, ao sujeito

que decidisse colocar em questão hierarquias de uma "sociedade pedagogizada", ou seja, fundada na divisão do saber entre sábios e ignorantes; cujo pressuposto seria o de que, para aprender alguma coisa, era necessário percorrer uma série de etapas progressivas para acessar o saber, sob orientação de um letrado.

Ao retomar a narrativa sobre os feitos de Jacotot, nos capítulos finais, Rancière discorre a respeito dos ataques reservados ao ensino universal. Apesar da argumentação de Jacotot acerca da razoabilidade de seus preceitos, a opinião da igualdade das inteligências, a defesa da igual capacidade de qualquer ser humano em aprender, a afirmação sobre manifestar um pensamento não ser nada além da capacidade de dizer o que se pensa nas palavras de outrem pareceram, a alguns, manifestações ameaçadoras. Ainda que o anúncio a respeito do princípio da igualdade das inteligências não viesse acompanhado de propostas de transformação social, já que seu tom é pessimista quanto a mudanças totais.

Rancière demonstra que os ataques sofridos por Jacotot se explicam porque a igualdade não é de fato só uma opinião, mas uma paixão relacionada ao "amor da dominação". Nesse ponto, a cena da igualdade das inteligências cumpre com o seu papel polêmico de mostrar uma "alteração", ou seja, uma divergência instaurada entre os letrados parisienses pela noção de emancipação intelectual. Isso porque a recepção do ensino universal foi contraditória, ou por ter sido rechaçada pelos defensores da desigualdade, ou por ter sido simplesmente mal interpretada. Um exemplo cômico desse último caso seria relatado por Rancière:

> O Ensino Universal não é a chave do sucesso oferecida aos empreendedores pela exploração dos prodigiosos poderes da vontade. Nada seria mais contrário ao pensamento da emancipação do que esse reclame de circo. E o Mestre se irrita quando os discípulos abrem sua escola sob a insígnia de *Quem quer, pode*. A única insígnia que vale é a da *igualdade das inteligências* (Rancière, 2013, p. 86, grifos do autor).

Mais preocupante do que as interpretações equivocadas do princípio da emancipação intelectual seria a sua recusa, a reafirmação da desigualdade. O capítulo quatro, "A Sociedade do Desprezo", inicia-se com uma breve enumeração dos inimigos do ensino universal: um representante do Ministério da Instrução Pública e um da Escola Normal Militar de Delft para impedirem Jacotot de manter sua escola; um boletim de Franciscus Josephus Dumbeck, professor da Universidade de Louvain, que acusa Jacotot de corromper a juventude.

Com o recurso à *découpage*, Rancière articula ao tema da paixão da desigualdade a parábola do Aventino, para representar o "pivô material do embrutecimento", a força de atração da paixão da desigualdade. Esses termos são mobilizados para argumentar que os seres humanos têm o potencial de realizar a comunicação razoável fundada na igualdade, desde que continuamente a verifiquem na prática, pois o que se costuma observar é a força da "gravidade material", que parece puxar os indivíduos para uma postura de desprezo, a "necessidade" de pensar sob o signo da desigualdade.

Em seguida à afirmação: "em toda a parte onde homens se agregam sob as bases da superioridade, eles se sujeitam à lei das massas materiais", Rancière narra a parábola sobre o senador romano Appius Claudius, "o homem da oposição radical a qualquer reivindicação da plebe […] orador senatorial por excelência", que conquistou tamanho prestígio porque teria compreendido bem a "inflexibilidade do movimento" necessário para ter consigo o apoio da elite romana.

Apesar de Appius Claudius manter sempre seu discurso afinado com o que se esperaria de um orador do senado, ou seja, a encarnação do sentimento de superioridade da sua categoria, aconteceu de essa "máquina retórica" emperrar, "uma só vez" para evitar um desastre maior, uma revolta popular. Nessa ocasião, o senador mostrou-se capaz de uma "extravagância impossível e incompreensível" para um homem na sua posição: escutar os plebeus supondo que das suas bocas se emitiria uma língua, e não mais ruídos. Assim, o senador falou com os plebeus, admitindo que eles possuiriam a inteligência de compreender as palavras

dos espíritos considerados superiores naquela sociedade (Rancière, 2013, p. 138).

Rancière não rememora esse fato da Antiguidade depois de o ter buscado em fontes históricas da República Romana. A parábola foi encontrada nos mesmos arquivos operários do século XIX onde estavam os textos de Jacotot. Em 1829, o escritor socialista Pierre-Simon Ballanche publicou um artigo na Revista de Paris, recontando a parábola em forma de apólogo em torno da discussão se os plebeus teriam ou não direito à fala (Rancière, 2012, p. 125). A associação entre a parábola e a sociedade do desprezo não é tão aleatória quanto pode parecer, pois sendo *O Mestre Ignorante* um exercício em ato da igualdade das inteligências, Rancière efetua uma defesa da igualdade, ainda quando se dedica a tratar da persistência do seu contrário na esfera social. Nesse momento, entendemos que a afirmação sobre a igualdade ser uma questão de opinião não caracteriza a postura do filósofo como relativista.

A cena do Aventino é mobilizada para simbolizar o "paradoxo da ficção desigualitária" e atestar a razoabilidade da defesa da igualdade, visto que a desigualdade só seria pensável e possível tendo por base a igualdade primeira das inteligências. Se as agregações humanas persistem em se organizar a partir das assimetrias em que um manda e outro obedece, isso só acontece porque existe igualdade entre quem ordena e aqueles que compreendem as palavras e ordens que lhes são endereçadas. Para aceitar uma posição de subalternidade é preciso ter entendido o seu lugar; esse entendimento seria mostra do fato de que os indivíduos compartilham da mesma capacidade humana, apesar de se encontrarem em posições hierarquicamente definidas de forma arbitrária.

A parábola do Aventino comprova a possibilidade de momentos de razão, em que acontece o reconhecimento das vontades razoáveis. Por outro lado, a impossibilidade de uma sociedade emancipada: "o Ensino Universal não é, nem pode ser um método *social*. Ele não pode ser difundido nas instituições da sociedade, nem por iniciativa delas". Métodos servem para aperfeiçoar explicações, o que significaria aprimorar

o embrutecimento, mesmo quando se tem a intenção progressista de "liberar os espíritos e as capacidades populares" (Rancière, 2013, p. 167).

Nesse momento final, Rancière afirma que o ensino universal não poderá se institucionalizar, pois na sociedade pedagogizada o anúncio da igualdade das inteligências encontra uma barreira impenetrável: "a hierarquia intelectual", que se materializa nas instituições de ensino, no século XIX, configuradas como "braço secular do progresso" que não têm outro poder, a não ser o da "racionalização da desigualdade", a imposição de etapas a serem vencidas para se alcançar, futuramente, uma ilusória igualdade e a disposição de saberes a serem aprendidos para se equiparar ao mestre. Conforme a opinião de um progressista de boa vontade, contemporâneo de Jacotot, M. de Lamennais:

> O meio para que ele (o povo) não seja *depreciado*, o meio para que ele *se sirva* de seu direito *com sabedoria*, o meio para construir igualdade com a desigualdade é a instrução do povo, isto é, a interminável compensação de seu atraso (Rancière, 2013, p. 181, grifos no original).

Contrariando as expectativas do seguidor de Jacotot, em um trecho crítico, Rancière afirma que a instrução popular, tal como se apresentava para a sociedade letrada parisiense no século XIX, "era o trabalho do luto da emancipação", o "ocultamento da igualdade sob o progresso". Nesse momento de efusiva crença nas instituições e no seu poder transformador da sociedade, ter este tipo de concepção "provoca uma horrorosa solidão. Jacotot acostumou-se a essa solidão. Rejeitou qualquer tradução pedagógica e progressista da igualdade emancipadora" (Rancière, 2013, p. 184).

É desse modo que o livro caminha para sua cena final, relatando que, após a morte de Jacotot, os discípulos mais atentos se chocaram com notícias sobre a aplicação do princípio da emancipação intelectual, porém não se debatia mais a opinião da igualdade e o *Jornal da Emancipação Intelectual* encerrou-se pouco tempo depois: "O Fundador havia predito

que o Ensino universal não vingaria. É bem verdade que havia acrescentado, também, que ele jamais morreria" (Rancière, 2013, p. 191).

A emancipação intelectual contra o saber

Em *O Mestre Ignorante*, o recado da igualdade vem sendo comunicado de cena em cena. A princípio enigmático, sua mensagem se torna compreensível ao vislumbrarmos os diferentes registros com que Rancière compõe a escrita. Esse recado nos diz que a efetivação da igualdade não depende de um saber instrumentalizável por um mestre – seja esse saber emancipatório, republicano ou empreendedor. Isso porque não há um saber próprio à emancipação.

No subtópico "Os Homens do Progresso", Rancière menciona alguns intelectuais entusiasmados com a ideia de se aplicar o método de Jacotot: um professor, um deputado da extrema-esquerda liberal, um subtenente revolucionário e o fundador de uma série de sociedades letradas e de dois jornais, Conde de Lasteyrie. Dentre as suas instituições, destacava-se a Sociedade dos Métodos de Ensino, cujo objetivo era o de pesquisar todas as inovações pedagógicas. Ao saber do ensino universal, Lasteyrie fez questão de viajar à Bélgica para ver os exercícios de improvisação das alunas de Jacotot e propôs à sociedade aprovar tal método como um dos mais eficientes para a instrução popular.

Diante da notícia do uso de suas ideias em tal distinta associação, Jacotot precisou denunciar a distração do conde, pois lhe causava estranheza submeter a emancipação intelectual a uma sociedade, porque instituições não podem ser razoáveis, somente os indivíduos. O ensino universal não tratava de mudar métodos de ensino. O que estava em questão era a convicção sobre a capacidade de qualquer um aprender, usando a própria inteligência, se assim quisesse.

Por se tratar de uma convicção, Rancière mostra em ato e não teoriza sobre; pelo menos não da forma acadêmica convencional. Isso porque não se adere à opinião da igualdade das inteligências por meio da

posse de um saber emancipador. Antes, coloca-a em prática como um ser razoável que decidiu fazer uso da própria inteligência.

Considerações finais

A rigor, se fôssemos compreender a narrativa de Jacotot como uma proposta de renovação das práticas escolares, suas ideias seriam incompatíveis com qualquer instituição de ensino (Rancière, 2013, p. 9). O recado não é uma mensagem direta e unívoca sobre não se ensinar mais a partir de explicações ou que os alunos devem aprender sem intervenção do professor nas escolas. Questões a respeito de como podemos efetivar a igualdade das inteligências nas instituições ou sobre como podemos evitar a reprodução das relações embrutecedoras dificilmente serão respondidas com a história contada por Rancière.

As ideias em torno da emancipação intelectual não fornecem respostas para esse tipo de questão, pois não traçam um caminho previamente estabelecido para a igualdade. Antes, reforçam que é preciso se convencer da opinião da igual capacidade de qualquer um em compreender uma obra humana. É preciso tê-la firmemente como uma convicção contra as hierarquias do saber que não são próprias somente de instituições como escolas e universidades, mas que se encontram como uma paixão arraigada na sociedade.

Em suma, o recado nos diz que a igualdade não se alcança com a transmissão de um saber esclarecedor, que busca dirimir a falta de crítica nas consciências ingênuas ou falseadas pela ideologia. A igualdade é uma atitude, uma verificação prática, que não necessita de teorias para lhe orientar, pois a emancipação intelectual não é uma ideia que se adequa a um tipo de relação que suponha causas e efeitos. O subtítulo de *O Mestre Ignorante*, ironicamente, provê indícios do recado da igualdade ao usar o termo “lições”, pois seriam mestres *não ignorantes* aqueles que possuem apreço por dar lições, transmitir o saber da emancipação.

Referências

ARAÚJO, Taís. Jacques Rancière nos arquivos operários: um encontro entre o filósofo e a história na crítica do tempo presente. *História Revista*, Goiânia, v. 29, n. 2, p. 11-29, 2025. DOI: https://doi.org/10.5216/hr.v29i2.80367.

CORNU, Laurence; VERMEREN, Patrice. Préface. *In*: CORNU, Laurence, VERMEREN, Patrice (Ee.). *La philosophie déplacée*: Autour de Jacques Rancière: Colloque de Cerisy. Paris: Horlieu Editions, 2006.

CUSTÓDIO, Crislei de Oliveira; CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Mundo moderno e crise na educação: uma crítica sobre os pressupostos básicos das pedagogias renovadas de meados do século XX. *Quaestio*, Sorocaba, v. 18, n. 3, p. 917-940, 2016. Disponível em: https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/2860. Acesso em: 14 fev. 2025.

GIULIANO, Facundo; CANTARELLI, María Natalia. La igualdad em la Revuelta Educativa: una conversación con Jacques Rancière. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 613-627, 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/2175-623662526.

RANCIÈRE, Jacques. Savoirs hérétiques et émancipation du pauvre. *In*: BORREIL, Jean (Org.). *Les Sauvages dans la cité*: auto-émancipation du peuple et instruction des prolétaires au XIXe siècle. Paris: Champ Vallon, 1985.

RANCIÈRE, Jacques. *A noite dos proletários*: arquivos do sonho operário. Trad. Marilda Pedreira. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

RANCIÈRE, Jacques. La scène révolutionnaire et l'ouvrier émancipé (1830-1848). *Tumultes*, n. 20, 2003. DOI: https://doi.org/10.3917/tumu.020.0049.

RANCIÈRE, Jacques. Figuras do testemunho e democracia. Entrevista por Maria-Benedita Basto. *Intervalo*, n. 2, p. 177-186, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*: estética e política. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. *La méthode de l'égalité*: entretien avec Laurent Jeanpierre et Dork Zabunyan. Paris: Bayard, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante*: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. *Nas margens do político*. Trad. Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. Lisboa: KKYM, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Trad. Raquel Ramalhete e Laís Eleonora Vilanova. São Paulo: Editora 34, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. O desmedido momento. *Serrote*, n. 28, p. 77-97, 2018a.

RANCIÈRE, Jacques. *La méthode de la scène*: Jacques Rancière avec Adnen Jdey. Paris: Éditions Lignes, 2018b.

RANCIÈRE, Jacques. *João Guimarães Rosa*: a ficção à beira do nada. Trad. Inês Oseki-Dépré. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

RANCIÈRE, Jacques. Tomada da palavra e conquista do tempo livre: uma entrevista com Jacques Rancière. Tradução de Jonas Tabacof Waks. *In*: CARVALHO, José Sérgio Fonseca de (Org.). *Jacques Rancière e a escola*: educação, política e emancipação. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

ROSS, Kristin. Introduction. *In*: RANCIÈRE, Jacques. *The ignorant schoolmaster*: five lessons in intellectual emancipation. California: Stanford University Press, 1991.

WISNIK, José Miguel. Recado da viagem. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 160-170, 1998. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10231. Acesso em: 14 fev. 2025.

Data de registro: 20/02/2025

Data de aceite: 24/09/2025